

UMA BREVE ANÁLISE DO FEMININO EM *FAÇADE (SANDMAN)* DE NEIL GAIMAN

Márcia Tavares Chico

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

RESUMO:

O presente artigo trata de uma análise da representação do feminino na história *Façade*, presente no universo *Sandman*, do autor britânico Neil Gaiman. Através de teorias de estudos de gênero, tentaremos mostrar como a violência contra o feminino serve de ferramenta para a construção da história em questão e que o feminino apresenta-se, na narrativa, como impotente perante o masculino.

PALAVRAS-CHAVE:

Histórias em quadrinhos; Estudos de gênero; Representação do feminino.

ABSTRACT:

This article is on the analysis of the representation of female characters in *Façade*, part of the *Sandman* universe, written by the British author Neil Gaiman. Through gender studies theories, we try to show how the violence against the female characters serves as a tool to the construction of the story and how the feminine is shown, in the narrative, as impotent when facing the masculine.

KEYWORDS:

Comic books; Gender studies; Female representation.

INTRODUÇÃO

Durante as últimas décadas, as histórias em quadrinhos vêm abrindo espaço no meio acadêmico, conquistando seu lugar em salas de aula, trabalhos e pesquisas. Com o crescimento da atenção dada aos quadrinhos, também houve o crescimento das possibilidades de estudos comparativos. Muitos discutem se as histórias em quadrinhos podem ser consideradas literatura. Alguns pesquisadores veem nos quadrinhos a possibilidade de serem chamados de literatura, pois algumas obras, em especial as *graphic novels*, apresentam uma grande carga literária. Entretanto, nem todos os quadrinhos, segundo essa visão, podem ser considerados literatura (LANZENDÖRFER; KÖHLER, 2011). Outros pesquisadores veem os quadrinhos como um gênero próprio, com características específicas que não são as mesmas da literatura. Sendo assim, os quadrinhos não precisam da literatura para alavancar seu *status* (RAMOS, 2014). O que podemos dizer é que as histórias em quadrinhos são um veículo literário (EISNER, 2005), utilizando-se de elementos e técnicas literárias para a construção das histórias, além de apresentarem uma alta carga simbólica. Sendo assim, os quadrinhos, fazendo ou não parte da literatura, podem – e devem – ser fontes de estudos literários.

Consideramos importante analisar não somente histórias em quadrinhos que tenham uma grande ligação com a literatura, como adaptações e releituras, mas também histórias que foram pensadas, desde seu momento inicial, como histórias em quadrinhos.

Assim, as características próprias das histórias em quadrinhos, como, por exemplo, a utilização da mistura de imagens e texto para criação de histórias, fazem com que o meio seja frutífero para análises e estudos dos mais variados. Muitos estudos focam na análise gráfica dos quadrinhos, analisando mais a parte visual; outros focam em elementos autobiográficos nas obras e na análise histórica; e, alguns outros, por exemplo, analisam a adaptação de obras literárias para histórias em quadrinhos. Um dos elementos que mais tem crescido em termos de análise de quadrinhos, no entanto, é o da representação de gênero, principalmente quando se trata da representação do feminino, pois os quadrinhos ainda são considerados, por muitos, como sendo extremamente masculino (MELLETTTE, 2012).

As histórias em quadrinhos são, em sua maioria, escritas por homens, tendo um público masculino em vista. Assim, as personagens femininas, em grande parte, podem ser consideradas a visão do masculino do que vem a ser o feminino. Isso pode ser exemplificado pela forma altamente sexualizada como as personagens femininas são representadas, com roupas que mal cobrem seus corpos e desenhadas em posições anatomicamente impossíveis, para que seus atributos físicos sejam enfatizados.

Sendo assim, o presente artigo procura fazer um breve apanhado sobre a representação do feminino nas histórias em quadrinhos, focando em trabalhos que

tratam, principalmente, dos estereótipos colocados nas personagens femininas. Logo após, faremos uma análise sobre a representação do feminino nas histórias em quadrinhos utilizando a história *Façade*, publicada em 1990 e que faz parte do universo *Sandman*, escrita pelo britânico Neil Gaiman e considerada obra clássica do gênero histórias em quadrinhos. Analisar-se-á como imagem e palavra se juntam para representar o feminino nessa obra¹.

QUADRINHOS E A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO

Como mencionado anteriormente, as histórias em quadrinhos, principalmente os quadrinhos *mainstream*, são escritos, desenhados e produzidos por homens, tendo em vista um público masculino. Scott McCloud, ao falar sobre as características das histórias em quadrinhos, menciona que, apesar de os quadrinhos serem considerados um gênero inovador, ainda há muita desigualdade entre homens e mulheres, sendo que ele considera os quadrinhos um “Clube do Bolinha” (McCLOUD, 2006, p. 13), no qual escritores masculinos propagam as suas ideias do feminino, assim como seus estereótipos e preconceitos.

Garland, Phillips e Vollum compartilham dessa opinião, dizendo que as histórias em quadrinhos são frutos de uma sociedade construída por homens brancos, sendo que esses homens estão, a partir das histórias e mundos criados por eles, constantemente reforçando sua posição de poder (GARLAND; PHILLIPS; VOLLUM, 2016). Assim, segundo os autores, as histórias em quadrinhos, assim como a cultura popular em geral, estão “frequentemente perpetuando narrativas ou imagens que reforçam desigualdades estruturais e implícita ou explicitamente promovem a violência contra a mulher²” (GARLAND; PHILLIPS; VOLLUM, 2016, p. 1, tradução nossa).

Isso vai ao encontro do que é discutido por Carol Stabile em seu ensaio sobre cultura popular. A pesquisadora aponta que as histórias em quadrinhos, principalmente as das últimas décadas, perpetuam a imagem do feminino como indefeso, necessitando da proteção do masculino. Assim, essas histórias enfatizam a violência sexista, sendo que as personagens femininas constantemente necessitam ser salvas, expandindo não as histórias dessas personagens, mas a narrativa das personagens masculinas.

O uso do feminino como ferramenta de expansão da narrativa masculina foi

1 Uma versão dessa análise está presente na minha Dissertação de Mestrado, intitulada “Aos amigos ausentes, amores perdidos e velhos deuses”: considerações sobre o feminino em *Sandman* de Neil Gaiman.

2 No original: “...frequently perpetuating narratives or images that reinforce structural inequalities and implicitly or explicitly promote violence against women.”

observado inicialmente pela quadrinista Gail Simone em 1999. A autora primeiramente trata de uma história do Lanterna Verde na qual o personagem Kyle Rayner tem sua namorada, Alex DiWitt, morta e colocada dentro de uma geladeira pelo vilão da história. A violência cometida contra Alex serviu de impulso para que o Lanterna Verde enfrentasse o vilão e o derrotasse. Simone, então, cria o termo *women in refrigerators* (em uma tradução livre: mulheres em geladeiras) para representar todas as personagens femininas cujo sofrimento, psicológico e físico, é usado como forma de levar a personagem masculina a ser motivada em sua jornada. O trauma das personagens femininas é totalmente ignorado, sendo apenas mais uma ferramenta narrativa para alavancar a história do herói masculino.

Isso soma-se ao fato de as personagens femininas serem altamente sexualizadas dentro das histórias em quadrinhos, sendo a personagem feminina normalmente “desenhada em posições sensuais que enfatizam seus atributos físicos” (MELLO; RIBEIRO, 2015, p. 106). As personagens femininas são, portanto, “idealizadas por homens e para homens, segundo o que eles vêem e entendem do sexo feminino, e provavelmente atuaram como veículos da expressão sexual de seus autores e do desejo de exibir o considerado imoral e proibido” (SIQUEIRA; VIEIRA, 2008, p. 189).

É possível, entretanto, ver uma quebra em tal representação, principalmente quando se trata de histórias, *mainstream* ou não, que são produzidas por mulheres. Relatos autobiográficos, como *Persépolis* (2008) de Marjane Satrapi e *Fun Home* (2006) de Alison Bechdel apresentam uma versão do feminino completamente diferente, tridimensional, com personalidades e características próprias. Histórias mais *mainstream* como *Ms. Marvel* (2015), escrita pela estadunidense G. Willow Wilson, apresentam uma personagem e uma narrativa que até mesmo contestam a forma como o feminino é representado nas histórias em quadrinhos, trazendo, muitas vezes de forma humorística, a questão de gênero para dentro das mesmas.

REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM SANDMAN

Neil Gaiman (1960-~), autor britânico de contos, quadrinhos, peças, romances, entre outros, é visto como um dos grandes nomes das histórias em quadrinhos, sendo que *Sandman* (1989-2016) é considerado uma obra fundamental do gênero. Por conta da grande popularidade e do *status* alcançados por suas obras, consideramos necessário analisar como o feminino é representado dentro de suas narrativas e quais são os estereótipos que estão sendo propagados. Para tal, escolhemos uma história presente em *Sandman* intitulada *Façade*.

Façade foca-se em Urania “Rainie” Blackwall, a heroína, presentemente esquecida, que era conhecida como *Element Girl*. A personagem possui um corpo que

foi modificado, sendo que cada parte de seu corpo representa um elemento da natureza; seus cabelos são verdes e seu rosto, branco-giz. Por tal motivo, a personagem vive isolada, incapaz de se encaixar na sociedade, conversando apenas por telefone, e com poucas pessoas.

Urania aparece primeiramente na *Metamorpho* #10, em 1967. A personagem era uma espiã americana que decide recriar o processo que levou Rex Mason a se transformar em Metamorfo. Urania viaja até o Egito e toca o Orbe de Rá, transformando-se em *Element Girl*.

A situação de Rainie é insuportável para ela, a qual deseja desesperadamente morrer. Entretanto, por mais que a personagem tente acabar com sua vida, nenhuma de suas tentativas apresenta resultados, fazendo com que ela se sinta presa em um reino de desespero e dor. Durante a história, Morte, uma das personagens principais da série *Sandman*, ouve o choro de Rainie e decide ajudar.

Rainie explica à Morte sobre os rostos que ela fabrica para esconder a sua verdadeira aparência. O problema, segundo Rainie, é que os rostos secam e caem, impossibilitando que Rainie saia de casa por longos períodos de tempo. Entretanto, ela os guarda, pois sente que eles são parte dela e de sua identidade (GAIMAN, 1990, p. 16, painéis 5 e 6). Morte pressiona Rainie a se desapegar do seu passado para que possa começar a viver novamente. Ela diz: “Vocês sempre se apegam a velhas identidades, velhas faces e máscaras, mesmo que elas já tenham cumprido o seu propósito. Mas, com o tempo, é preciso aprender a jogar as coisas fora”³ (GAIMAN, 1990, p. 17, painel 1).

Rainie acredita que Morte esteja ali para levá-la, para acabar com seu sofrimento. Entretanto, a mesma está ali apenas para ajudá-la a encontrar seu próprio caminho (GAIMAN, 1990, p. 21, painel 4). Contraditoriamente, Morte explica que somente a pessoa que transformou Rainie em quem ela é pode auxiliá-la e libertá-la. Sendo assim, somente Rá pode conceder a Rainie seu maior desejo. Segundo Robert Loss (2013), Rainie é a representação do destino que recai sobre uma grande parte das personagens femininas nas histórias em quadrinhos: Rainie não é nada mais do que sua aparência. A aparência, a “boa aparência” é, muitas vezes, colocada como a única característica importante das personagens femininas. Para Loss,

Com Rainie, Gaiman alude a uma longa linhagem de super-heroínas vitimizadas nos quadrinhos – violentamente abusadas, com seus poderes retirados e assassinadas – uma tendência que é muitas

3 No original: “You people always hold onto old identities, old faces and masks, long after they’ve served their purpose. But you’ve got to learn to throw things away eventually”.

vezes descrita, em resumo, pelo termo “women in refrigerator” cunhado por Gail Simone⁴ (LOSS, 2013, s/p, tradução nossa).

Assim, Rainie poderia ser considerada uma metáfora para todas as outras personagens femininas que foram relegadas ao segundo plano, que foram deixadas de lado para que pudesse haver espaço para o desenvolvimento das personagens masculinas. Rainie acaba sendo mais uma vítima, seguindo apenas a vontade de um homem Rá, aquele que lhe concede seus poderes e a pune por sua ousadia lhe dando sua nova aparência. É sua aparência que dita o que Rainie pode ou não fazer, quem pode ou não ser. É sua aparência que faz com que Rainie seja excluída, que não tenha amigos e que não possa participar da sociedade. A violência cometida por Rá contra ela pode não ter sido física e sim simbólica, mas mesmo assim modificou toda sua vida. Além disso, a narrativa ainda pune Rainie de outra maneira: ela é uma super-heroína que não se sente incluída nem mesmo dentro do grupo dos heróis, daqueles que deveriam ser seus iguais.

É difícil ver uma personagem masculina sendo repudiada por sua aparência do mesmo jeito que Rainie é, tendo que se esconder completamente e cortar todos os laços com sua vida anterior. Beleza parece ser algo necessário para que o feminino possa sobreviver e, ousamos dizer, para que o feminino possa até mesmo *existir*⁵. A beleza feminina idealizada lhe persegue: Rainie já não é mais um membro produtivo da sociedade e isso se deve ao fato de ela não ser mais bonita, de sua aparência ser diferente do que é considerado um padrão feminino. Rainie parece não possuir outros atributos que possam lhe salvar. Como apontado por Loss, Rainie mantém sua sanidade mental e sua capacidade intelectual. Entretanto, esses atributos não parecem ser suficientes para que sua história tenha outro caminho, para que ela encontre uma forma de sobreviver e de reencontrar quem ela é. O único elemento importante é a sua aparência (LOSS, 2013).

A narrativa comprova a hipótese apresentada, pois Rainie repete, em vários momentos, que gostaria de ser normal (GAIMAN, 1990, p. 1, painel 5). Como a única coisa que a diferencia do resto da sociedade, daqueles que ela considera “normais”, é sua aparência, podemos afirmar que a narrativa coloca essa aparência, a falta de beleza, como sendo o que não a torna “normal”, como aquilo que a exclui. Isso encaixa-se perfeitamente com o que foi dito anteriormente: que uma das principais características

4 No original: “With Rainie, Gaiman alludes to the long lineage of female superheroes victimized in comics – violently abused, depowered and murdered – a trend often described in short hand by Gail Simone’s term ‘women in refrigerators’”.

5 Por exemplo, a personagem “O Coisa” do Quarteto Fantástico possui uma aparência considerada grotesca, mas é um membro precioso de uma família e bem visto pela sociedade e seus parceiros heróicos.

do feminino é sua beleza e se o feminino não pode ser sexualizado e sensualizado, ele não tem valor para a narrativa. Segundo Judith Butler, o gênero é construído a partir da repetição de atos, gestos, estilos e visuais. Assim, aquilo que é constituído como “normal” para um determinado gênero dá-se por sua constante reafirmação, pela repetição de um mesmo discurso (BUTLER, 2014). Rainie não se encaixa no que seria considerado normal para o feminino, mesmo sendo uma heroína. Assim, tudo que sobra para ela é a exclusão.

Ainda de acordo com Butler, os corpos que não se encaixam na chamada normalidade de gênero são vistos como “corpos abjetos”, corpos desviantes que não se encaixam no padrão estipulado para seu gênero (BUTLER, 2014), no caso de Rainie, o feminino. O que resta para esses corpos é o julgamento da sociedade em que vivem, a exclusão e a violência:

no nível do discurso, algumas vidas não são consideradas vidas de maneira alguma, elas não podem ser humanizadas; elas não se encaixam no quadro dominante do que é considerado humano, e a sua desumanização acontece neste nível. Este nível abre espaço para uma violência física que, de certa forma, passa a mensagem de desumanização que já está presente na cultura⁶ (BUTLER, 2004, p. 25, tradução nossa).

Assim, não vemos Rainie como uma crítica à vitimização das personagens femininas nas histórias em quadrinhos, mas sim como mais uma representação da vitimização do feminino no gênero. Para que pudesse ser considerada uma crítica, Rainie deveria conseguir superar as expectativas e obstáculos, mostrando que o feminino é mais do que somente a aparência física. Assim ela se colocaria como dona de seu próprio destino, não precisando de uma presença masculina para resolver seus problemas.

No entanto, a narrativa apresenta a vida de Rainie como delimitada pelo masculino, constantemente aterrorizada pela lembrança de sua transformação em Element Girl. Rainie sonha com a experiência com o Orbe de Rá, mas a experiência é distorcida, dando lugar a uma figura fantasmagórica e ameaçadora que a persegue até agarrá-la.

Segundo Butler, o gênero é discursivamente construído. Certos elementos são repetidos tantas e tantas vezes que eles começam a tomar forma de algo natural, do que

6 No original: “on the level of discourse, certain lives are not considered lives at all, they cannot be humanized; they fit no dominant frame for the human, and their dehumanization occurs first, at this level. This level gives rise to a physical violence that in some sense delivers the message of dehumanization when is already at work in the culture”.

é esperado do feminino e do masculino (BUTLER, 2014). Rainie quebra, inicialmente, os padrões do feminino. Ela ousa ir atrás de um artefato antigo em uma busca por poder, se aventurar em uma profissão ainda mais masculinizada que é a profissão de espiã, tomar seu destino em suas mãos. Entretanto, o que acontece com aqueles que tentam quebrar a barreira dos gêneros e dos papéis impostos a cada gênero é a violência, física ou simbólica (BUTLER, 2004). Rainie deve ser punida por suas ações. Ao invés de simplesmente ganhar poderes, é modificada e, em seus pesadelos, vê essa modificação como uma violência física.

Rainie é representada como uma figura diminuta, impotente perante a imponente e força de Rá. Ela sonha que seu corpo é literalmente moldado pelas mãos do deus, que mexe em sua pele como se fosse argila e, durante todo o sonho, permanece com uma expressão de pavor, de medo profundo. A posição das mãos do deus, cobrindo e apertando os seios de Rainie, e a posição da personagem em relação a Rá, ainda remetem a outro tipo de violência sexista cometida no mundo real e, muito frequentemente, nas histórias em quadrinhos: a violência sexual. Rainie, aquela que ousou quebrar com a performatividade de gênero, se vê agora como um brinquedo nas mãos de uma figura masculina todo-poderosa. Isso vincula-se ao texto apresentado juntamente com a imagem. Rainie menciona que, mesmo após tentar e tentar, lutar contra Rá, simplesmente não está predestinada a ganhar (GAIMAN, 1990, p. 8). Rainie acorda ainda presa a esse pesadelo, sem chances de escapar, sendo que a violência sofrida no sonho a persegue em todos os momentos em que está acordada.

Até poderíamos ver essa cena como uma tentativa de mostrar os problemas da vitimização constante do feminino nas histórias em quadrinhos se, no restante da narrativa, houvesse algum tipo de quebra no controle que Rá tem sobre Rainie e sobre a vida dela. Entretanto, durante toda a narrativa, podemos ver que Rá é aquele que toma todas as decisões: a decisão de transformá-la em Element Girl e a decisão de acabar com sua vida. Ao não modificar aquilo que fez anteriormente, o que evidenciaria o erro de suas ações, Rá mostra que Rainie é algo indesejável, um corpo abjeto que merece ser destruído.

Em seu sonho, Rainie exclama “Eu nunca pedi nada disso”⁷ (GAIMAN, 1990, p. 7, painel 3), colocando-se como uma vítima da violência do masculino e completamente incapaz de mudar sua situação a não ser recorrendo ao mesmo masculino que a machucou primeiramente.

No final, Morte instrui Rainie a pedir a Rá que a liberte, que a deixe partir. Assim, Rainie não encontra libertação nem mesmo no momento de sua morte, pois até o final está submetida aos caprichos do masculino. Ela aparece apenas como vítima, do começo ao fim da história. O volume de *Sandman* trabalhado nessa análise mantém

7 No original: “I never asked for it”.

perspectivas e estereótipos sobre o feminino, mantendo a importância da beleza como quesito para a existência de uma personagem feminina, bem como a prevalência do masculino sobre o feminino nas histórias em quadrinhos.

A maneira como a personagem é apresentada também é de submissão. Rainie está tímida, com as mãos levantadas como para se proteger, com o rosto virado para dentro como se os raios do sol lhe fizessem mal (GAIMAN, 1990, p. 22, painéis 4 e 5). Rainie porta-se como se estivesse aproximando-se de um altar para pedir uma dádiva a um deus adorado e não como se estivesse recorrendo, em uma última tentativa desesperada, aquele que lhe causou todo o mal. A arte, assim como o que é dito, com Morte instruindo-a a pedir “educadamente” (GAIMAN, 1990, p. 22, painel 3), fazem com que Rainie esteja em uma posição altamente vulnerável, disposta a aceitar qualquer decisão do deus sol, bem como disposta a seguir a vontade deste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Façade traz a história de uma personagem feminina, que se encontra em uma situação de total submissão a uma personagem masculina. A vida da personagem principal é guiada pelos desígnios de Rá, sendo que sua vida é modificada por ele e sua libertação só é possível através dele. A narrativa não mostra o problema de colocar personagens femininas no papel de vítimas, mas reforça o estereótipo do feminino como vulnerável, indefeso e tendo sua mera existência atrelada ao, e dependente do, masculino. Além disso, reforça os padrões de beleza requeridos das personagens femininas nas histórias em quadrinhos, reiterando a noção de que o valor do feminino está atrelado a sua aparência, bem como ao quanto essa aparência é desejável ao olhar masculino. No momento em que a personagem não cumpre os requisitos de beleza, ela é relegada ao esquecimento, passando a ser algo indesejável que tem, como único destino possível, ser removida da sociedade.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 7. ed. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BUTLER, Judith. **Undoing gender**. Nova Iorque: Routledge, 2004.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas**. Tradução Leandro Luigi Del Manto. São Paulo, Devir: 2005.

GAIMAN, Neil. **Sandman**: edição definitiva volume 1. Tradução Jotapê Martins, Fabiano Denardin. São Paulo: Panini Books, 2010.

GAIMAN, Neil. **Façade**. Nova Iorque: DC Comics, 1990.

GARCÍA, Santiago. **A novela gráfica**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GARLAND, Tammy; PHILLIPS, Nickie; VOLLUM, Scott. Gender Politics and *The Walking Dead*: gendered violence and the reestablishment of patriarchy. In: **Feminist Criminology**. v. 1, n. 28, p. 1-28, mar./2016.

LANZERDÖRFER, Tim; KÖHLER, Matthias. Introductions: comic studies and literary studies. In: **ZAA**. v. 59, n. 1, p. 1-9, 2001.

LOSS, R. Neil Gaiman's "Façade" and Patronal Feminism. In: **The Comics Grid: Journal of Comics Scholarship**, 2013.

McCLOUD, Scott. **Reiventando os quadrinhos: como a imaginação e a tecnologia vem revolucionando essa forma de arte**. Tradução Roger Maioli. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2006.

MELLETTE, Justin. Agency through fragmentation? The problem of Delirium in The Sandman. In: PRESCOTT, Tara; DRUCKER, Aaron (org.). **Feminism in the worlds of Neil Gaiman: essays on the comics, poetry and prose**. Carolina do Norte: McFarland & Company, 2012.

MELLO, Kelli Carvalho; RIBEIRO, Maria Ivanilse. Vilãs, mocinhas ou heroínas: linguagem do corpo feminino nos quadrinhos. In: **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 105 – 118, ago. / dez. 2015.

SIMONE, Gail. **Women in refrigerators**. 1999. Disponível em: <<http://www.lby3.com/wir/>>. Acesso em 30 de janeiro de 2017.

STABILE, Carol. "Sweetheart, this ain't gender studies":

Sexism and superheroes. In: **Communication and Critical/
Cultural Studies**. v.6, n.1, p. 86-92, fev./2009.

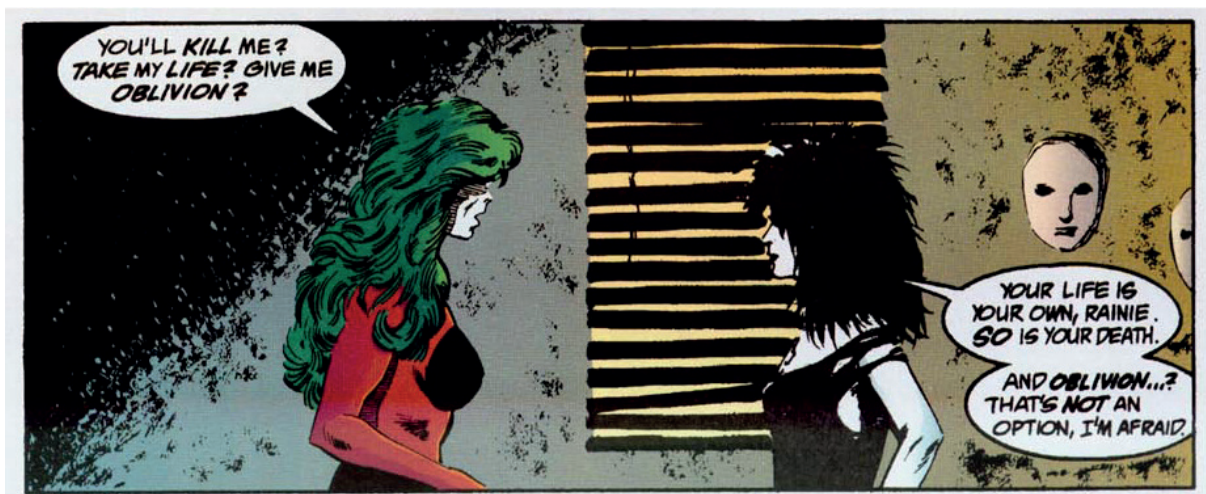
ANEXOS:



(GAIMAN, 1990, P. 16, PAINÉIS 5 E 6)



(GAIMAN, 1990, P. 17, PAINEL 1)



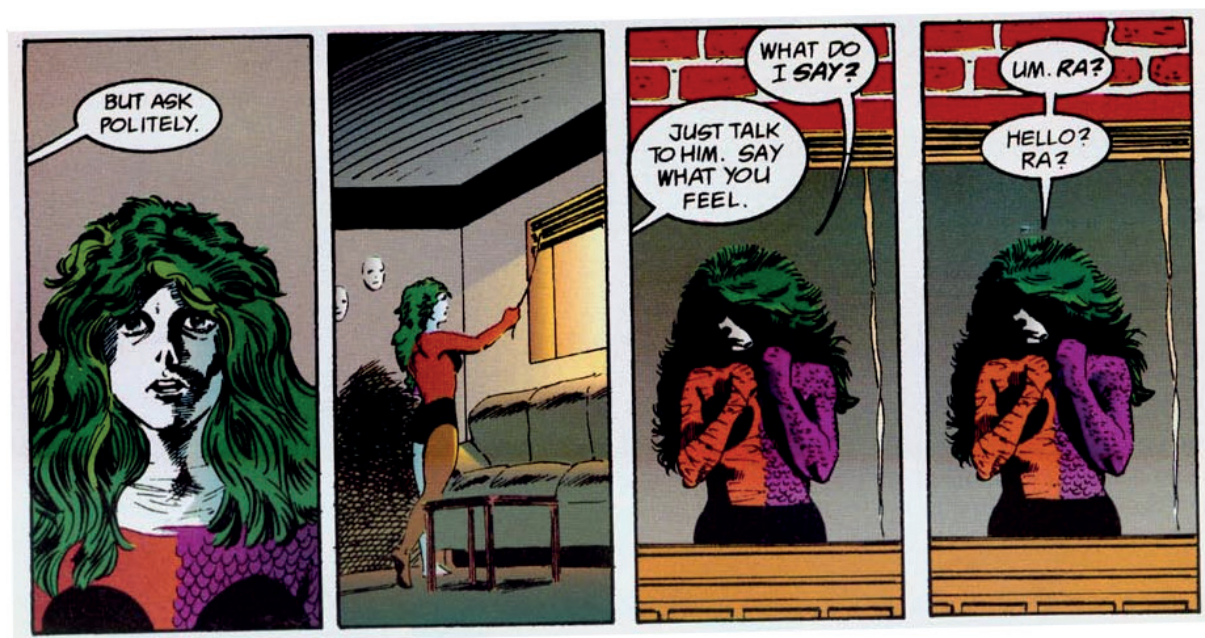
(GAIMAN, 1990, P. 21, PAINEL 3)



(GAIMAN, 1990, P. 1, PAINEL 5)



(GAIMAN, 1990, P. 7, PAINÉIS 1, 2 E 3)



(GAIMAN, 1990, P. 22, PAINÉIS 3, 4, 5 E 6)

